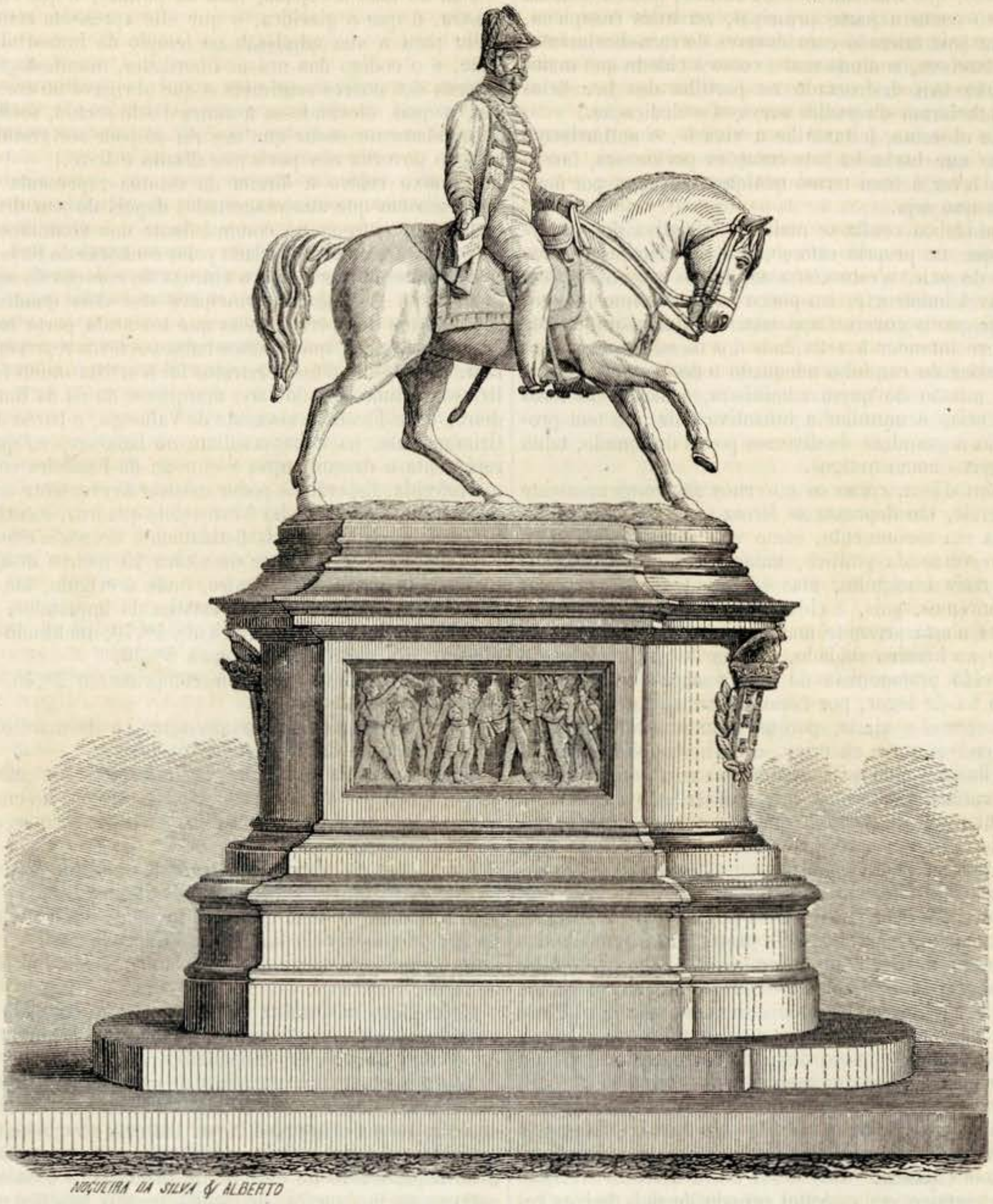


Estatua equestre de D. Pedro IV

Vae honrar-se a cidade do Porto, pagando, primeiro que nenhuma outra terra do reino, essa divida de gratidão nacional ao rei magnanimo que libertára este paiz, outorgando-lhe a carta constitucional, e que lhe restaurára a liberdade, empunhando a espada de general.

Devia ser assim. A sorte foi justa, conferindo essa honra, que Lisboa em vão disputou, á cidade que foi simultaneamente theatro da gloria do libertador, e o mais poderoso instrumento dos triumphos da liberdade.

Ha trinta e oito annos que o sr. D. Pedro IV concedeu, ou diremos melhor, talvez, restituiu aos portuguezes os seus antigos foros de povo livre, sob as modernas fórmas do systema representativo. Ha trinta e dois que este principe, depois de abdicar dois sceptros, estreára a sua regencia na ilha Terceira com essas sábias leis, que foram a pedra fundamental da nossa regeneração economica. Já são passados quasi trinta annos depois que a morte, colhendo no vigor da edade aquella existencia, gasta pelas lides da guerra, e mais ainda pelas peripécias de uma lucta porfiosa e tenaz, cobríra de crepes a espada gloriosa do general, e a penna illustrada do legislador: a espada e a penna que abriram o caminho por onde veiu sentar-se no throno a sra. D. Maria II, por onde saíram das masmorras tantos centenares de martyres da liberdade, por onde hoje nos corre livre o pensamento, por onde, em fim, nos tem entrado esses grandes melhoramentos, que symbolisam os progressos da civilisação, e que nos hão de transformar brevemente em uma nação activa e industriosa, prospera e rica, e, por uma necessaria consequencia, forte e respeitada.

E todavia, nenhum monumento commemora ainda aquelles serviços e dedicação.

Por duas vezes tentou Lisboa lavar essa nodoa de ingratidão, que mancha os seus annaes, que os mancha não só como á parte principal, ou mais conspicua, de um paiz onerado com deveres de reconhecimento, mas tambem, e ainda mais, como á cidade que maior quinhão tem desfructado na partilha dos beneficios que provieram d'aquelles serviços e dedicação.

Não obstante, faltava-lhe a viva fé, o enthusiasmo fogoso que borbulha nos corações portuenses, fazendo-os levar a bom termo qualquer empreza, por mais ardua que seja.

Em Lisboa confia-se mais na iniciativa dos governos que no proprio esforço, e d'ahi vem jazer a capital do paiz, n'este como em outros assumptos, em culpavel indolencia, em pouco honroso esquecimento. Exigir que o governo appareça em tudo aquillo onde só deve intender a actividade dos membros da nação, é desviar do caminho adequado o desempenho da pesada missão de quem administra, é dar novos fóros á incuria, e annullar a iniciativa feliz que tem produzido a grandeza de diversos povos do mundo, tanto modernos como antigos.

Além d'isso, como os governos são communmente variaveis, tão depressa se fórma um plano, ou se desenha um monumento, como vem apagal-o nos esboços o vento da politica, umas vezes procelloso, outras mais tranquillo, mas sempre travessio e vário.

Honremos, pois, a cidade das nossas gloriosas tradições n'esta presente manifestação de seu acrisolado amor ao heroico soldado, que ha de ser no futuro o merecido protogonista de uma epopéa que novo Homero ha de legar, por certo, ás letras patrias.

Honremol-a ainda, porque o monumento é digno do heroe a quem se erige, e da invencivel cidade de que ficará sendo para sempre o sacrosanto palladio.

Façamos, pois, uma breve descripção do correcto desenho que o *Archivo* offerece a seus leitores, podendo cada um apreciar como a cidade do Porto sabe traduzir na pedra e no bronze os grandes sentimentos que lhe florecem no coração.

Foi a 27 de agosto que se publicou o programma do concurso, marcando-se o praso para a remessa dos projectos desde 1 de setembro até 30 de outubro do mesmo anno, e abrindo-se, tanto a nacionaes como a estrangeiros, o honroso certamen, porque o Porto bem sabe que o engenho tem o mundo por patria, e que o primeiro desejo de todos era obter o melhor e mais bem acabado monumento.

Appareceram, pois, sete modelos em gesso, merecendo a preferencia de 16 votos sobre 22 votantes o que era devido ao trabalho intelligente do esculptor Anatole Calmels.

Levanta-se em pedestal ornado de dois baixos relêvos, e das armas da casa de Bragança e da cidade do Porto, a estatua equestre do imperador.

Sua magestade imperial D. Pedro IV veste o uniforme de caçadores 5, trajando por cima, segundo o uso por elle adoptado, uma sobrecasaca, que no tempo do cêrco se chamava *polaca*. Com a mão esquerda dá a redea ao cavallo, que escarva insoffrido, e com a direita ostenta a carta constitucional, codigo santo das nossas publicas liberdades.

É facil de attingir o elevado pensamento do artista na concepção da parte principal do plano, como é de obrigação tributar-lhe o merecido encomio.

O imperador está vestido com a farda que elle prezou sobre todas, e debaixo da qual bateriam os corações mais bravos, se os brios tivessem differença, ou o calor desegualdades n'essas pugnas cruentas da nossa liberdade.

Illumina-lhe o rosto a confiança do seu destino, e, dando largas á impaciencia do seu corsel, demanda, resoluto e fortalecido, os horisontes do futuro, sem que o amedronte a opinião dos homens d'esta geração nos juizos da rigorosa historia.

Tem ao lado a espada, mas na bainha; o que elle mostra, o que o glorifica, o que elle apresenta como titulo para a sua admissão no templo da immortalidade, é o codigo das nossas liberdades, manifestação externa dos nobres sentimentos que abrigava no coração, o qual, elevando-se á altura d'este seculo, soube adequadamente sentir que um rei só póde ser grande quando governa um povo moralisado e livre.

O baixo relêvo á direita da estatua representa o momento em que sua magestade, depois do seu desembarque, entrega ao commandante dos voluntarios da rainha a bandeira bordada pelas senhoras do Fayal. O da esquerda representa a entrega do coração de sua magestade. As figuras principaes dos dois quadros são retratos dos personagens que tomaram parte nas scenas historicas, que os ditos baixos-relêvos representam. Em alguns d'esses retratos foi o artista muito feliz, sobre tudo nos dos srs. marquezes de Sá da Bandeira, e de Ficalho, visconde de Vallongo, e barão de Grimancellos, os quaes avultam no baixo-relêvo que representa o desembarque e entrega da bandeira acima referida. Esperâmos poder mostrar brevemente aos nossos leitores o desenho d'estes dois quadros, e então procuraremos fallar mais detidamente ácerca d'elles.

O monumento deve ter de altura 10 metros desde o nivel da praça de D. Pedro, onde é erigido, até á parte superior da cabeça da estatua do imperador.

Esta ha de medir a altura de $4^{m},70$, incluindo o plintho, e a parte architectonica $5^{m},30$.

Os baixos relêvos terão de comprimento $2^{m},45$, e de altura $1^{m},21$.

Será de bronze fundido a estatua, e de marmore *branco-claro* de Carrara os baixos relêvos.

Toda a obra de esculptura, assim como a sua collocação, estão a cargo do esculptor, nos termos do contrato assignado a 18 de dezembro de 1862, pelo preço de 21:000$000 réis.

Egualmente é obrigado o esculptor a subministrar os riscos, planta e córtes para a construcção da parte architectonica, e bem assim os modelos dos escudos de armas que devem ornar o referido pedestal.

O monumento deve estar concluido pelos fins do anno de 1865.

A fundição da estatua equestre acha-se confiada a uma companhia anonyma de Bruxellas, pela quantia de 48:000 francos, ou 8:640$000 réis.

Vão adiantados os trabalhos de canteiro para o pedestal e mais obra architectonica. Cremos que não tardarão a serem collocados. O sr. Calmels occupa-se ao presente na feitura dos modelos. Tem já concluidos o do baixo-relêvo da entrega da bandeira, e o do cavallo, que lhe serviu de estudo para o modelo em ponto grande. [1]

Basta lançar a vista ao desenho para se conhecer desde logo que o pensamento do artista é tão simples quanto elevado, tendo por isso a mais bella e sublime de todas as magestades, que é a magestade da singeleza.

A posição da estatua é nobre e natural. O cavallo ostenta uma vida e animação, que, por não ser exaggerada, descobre no artista bom gosto pela arte que professa.

A escolha dos assumptos para os baixos relêvos foi felicissima, por assentar nos mais brilhantes capitulos d'aquella gloriosa epopéa, um dos quaes a inicia auspiciosamente, para o outro a fechar com um rasgo delicado e heroico, que mais parece dos antigos tempos, que das modernas edades.

I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] A officina e gabinete de esculptura do sr. Calmels, acham-se no edificio do palacio das côrtes, a primeira no corpo da extincta egreja de S. Bento, e o segundo na capella-mór do mesmo templo.

AMOR DE CIGANA

(Vid. pag. 58)

IV

A DESCAMISADA

Permitta-nos o leitor, que lhe expliquemos rapidamente o que podesse haver para elle de obscuro nas cartas precedentes. Pedindo esta licença, não fazemos senão prevenir a sua exigencia inevitavel, porque deseja saber, de certo, as particularidades do rapto, mencionado tão de relance na primeira carta de Jorge da Silveira.

Esta palavra «rapto» espanta de certo o leitor, que não fórma idéa muito elevada da pureza dos costumes d'essas hordas nomadas, que vagueiam por toda a parte, exercendo na apparencia os officios mais licitos d'este mundo, taes como o de concertar panellas, comprar e vender cavallos, mas que tiram realmente os seus maiores proventos do contrabando, e d'outras praticas illicitas. O leitor julga por conseguinte tão natural o entregar-se uma cigana a um *gentio*, como elles nos chamam, que não póde suppor como possivel o effectuar-se um rapto para coisa de tão pouca monta.

Engana-se comtudo, se não de todo, pelo menos em parte. São tão poderosos os laços que ligam uns aos outros os membros d'essa sociedade extravagante, que é raro cederem as ciganas a homens de outra raça, e aquellas que o fazem não ficam bem vistas pelo resto da tribu. As ligações entre elles mesmos, ainda que as não possamos chamar sanctificadas, attendendo ao completo indifferentismo dos ciganos em materia de religião, são comtudo mais respeitadas do que em muitos povos, que se prezam de altamente religiosos. Segundo a opinião de Prosper Mérimée, esse respeito pela instituição do casamento é demonstrado até por um dos nomes que elles dão mais habitualmente a si mesmos, e que é o de *romé* ou esposos.

Rosita por esse lado estava completamente livre, e a sua altivez selvagem repellíra sempre até alli os galanteios dos seus companheiros de tribu, e as tentativas mais ou menos audazes dos estrangeiros, que se deixavam seduzir pelos seus encantos realmente notaveis. Era cigana sim, mas tinha, na sua apparencia e nos seus habitos, a poesia que falta completamente aos ciganos da vida real. Não havia n'ella a repugnante falta de limpeza, que é o caracteristico da sua raça. O rosto moreno não tinha a côr pronunciadamente trigueira, que faz com que os designem, e elles se designem muitas vezes tambem com o nome de *calé* — os negros. O seu orgulho um pouco melancholico fazia-a procurar a solidão, e desdenhar completamente as astucias de que os seus compatriotas se serviam para embaçar os *lillipendi* — os nescios.

Quando viu Jorge, sentiu que perdêra para sempre a sua isenção. A belleza quasi feminina do artista produziu n'ella uma impressão indelevel; e, incapaz de disfarçar qualquer sentimento, manifestou esse amor immediatamente. Jorge foi o seu primeiro, e, devemos dizel-o, o seu unico *minhorró* — amante.

Este sentiu por ella um d'esses caprichos indomaveis, em quanto não conseguem a realisação do seu desejo, e que fenecem no dia seguinte áquelle em que a obtem.

Projectou o rapto, e disse-lh'o n'essa mesma noite, em que, voltando do lagar, encontrára a cigana n'uma das alamedas da quinta. Rosita accedeu a tudo quanto Jorge quiz. A pobre rapariga estava louca por elle.

Saíram da quinta os ciganos, e continuaram o seu caminho. Jorge deixou-os tomar uma grande dianteira, e depois, sem dizer a minima coisa a pessoa alguma, sellou elle mesmo o seu cavallo, e correu a galope pelo caminho que Rosita lhe indicára. Já ao descair da noite avistou ao longe a horda nomada. Afrouxou o passo do cavallo, e, tomando todas as precauções para não ser visto, foi-os seguindo lentamente. A final pararam.

A noite colhêra-os n'uma charneca distante do povoado, e os ciganos, segundo o seu costume, improvisaram logo uma especie de acampamento. Accenderam lume, agruparam-se-lhe em roda, e dispozeram-se para passar, o melhor que lhes fosse possivel, essa comprida noite de inverno. Jorge prendeu o cavallo a uma das arvores enfezadas, que appareciam de espaço a espaço na arida charneca, sentinellas perdidas da vegetação; embrulhou-se na capa, e approximou-se do grupo, escondendo-se sempre na sombra, e aproveitando-se de todos os accidentes do terreno. Quando chegou a distancia, d'onde podia ver perfeitamente a turba dos ciganos, sem receiar ser visto, parou, deitou-se no chão, e alli ficou por espaço de duas horas.

Finalmente cessou todo o ruido no acampamento bohemio. Os ciganos tinham adormecido.

Então um vulto destacou-se silenciosamente do montão de homens, cavallos e jumentos, que rodeiavam a fogueira quasi extincta, e começou com rapidez, mas sem bulha alguma, a percorrer, em sentido contrario, o caminho que os ciganos tinham percorrido durante o dia.

Quando passou por diante de Jorge, este levantou-se, e bradou em tom mais alto do que convinha:

— Rosita!

Esta poz o dedo na boca a recommendar silencio, e murmurou, em voz baixa, o proverbio *rommani:*

— *En retudi panda nasti abela mache* (Em boca fechada não entram moscas).

E ambos avançaram rapidamente para o sitio onde tinha ficado o cavallo. De um pulo estavam Jorge na sella, e a cigana na garupa. E depois... a galope!

O resto sabe o leitor pelas cartas publicadas no capitulo antecedente. Reatemos por conseguinte o fio da narração.

Jorge, ao receber a carta de Alberto, sentiu uma dor profunda dilacerar-lhe o peito. Sempre estremecêra Lucia, não com o amor de namorado, mas com o mais fraternal carinho. Não póde supportar a idéa de que sería elle a causa da sua morte. Comtudo a sua imprudencia collocára-o n'uma posição embaraçosa. Sentia confusamente que, para salvar Lucia, iria dar um golpe fatal em Rosita. Sería angustiosissima a hesitação, se o sentimento que o arrastava para a filha de Sylvestre não tivesse um auxiliar poderoso n'outro sentimento, que elle a custo confessava a si mesmo, e que em vão procurava colorir com os mais brilhantes paradoxos. Esse sentimento era a indifferença; a victima d'elle era a pobre cigana.

Por isso Jorge fez calar todos os escrupulos que a sua consciencia lhe apresentava, e dando a si mesmo a desculpa da necessidade immediata que tinha de obedecer á carta de Alberto, accrescentando que Rosita sentira por elle tambem apenas um capricho, e que as suas lagrimas depressa as enxugaria o sol de outros amores, saíu da casa onde viviam, em Sevilha, e partiu para Portugal. D'ahi a seis dias, graças á velocidade dos meios de locomoção, de que se serviu, não desdenhando por essa vez os caminhos de ferro que, dizia elle, tinham tirado ás viagens toda a sua poesia, entrava, um pouco de cabeça baixa, na quinta de Sylvestre de Azevedo.

A sua chegada inesperada produziu em Lucia um effeito terrivel. O sangue todo lhe affluiu ao coração, e foi-lhe necessario concentrar toda a força da sua vontade para não perder os sentidos. Mas logo depois veiu a reacção. Um suave rubor lhe subiu ás faces, e os olhos brilharam-lhe de prazer ao ver as attenções de que a cercava o recem-chegado.

Jorge improvisou uma historia tão comprida quanto absurda, que foi ouvida com enthusiasmo por Sylvestre de Azevedo, que não percebeu palavra; com seriedade por D. Francisca, que houve por bem dar-lhe a sua approvação para fingir que tinha percebido; com distracção por Lucia, que não pensava senão no prazer de ter junto de si aquelle que julgára perdido para sempre; e com enternecimento por Alberto, que escolheu este sentimento pelo simples motivo de lhe permittir o esconder a cara, e por conseguinte o riso, que ameaçava rebentar em gargalhada.

Foram deliciosos os primeiros tres mezes que Jorge passou na quinta. Revelavam-se-lhe emoções, que elle nunca tinha presentido, e encontrava mundos de prazer em coisas que elle d'antes desprezava como nimiamente burguezas. Começára a formar a corte a Lucia, ao principio antes por dever do que por gosto, a final porque a sympathica natureza da donzella produzíra sobre elle o seu inevitavel effeito. A consciencia da sua posição dava-lhe uma certa timidez, de que elle se envergonhava, e que ao mesmo tempo achava deliciosa. Tremia todo quando Lucia passava junto d'elle na obscuridade de um corredor, e que sentia junto do seu rosto o halito perfumado da graciosa menina. O roçar do seu vestido enchia-o de prazer, e se, por acaso, quando estavam á mesa, sentia a suave pressão do pésinho mimoso, enlevava-se em extasis de uma voluptuosidade incomprehensivel. E comtudo parecia-lhe que profanaria a ineffavel virgindade d'aquelle anjo, se tocasse com os seus labios na branca mãosinha de Lucia. E achava suavissimas essas hesitações, achava deliciosa essa incerteza.

Chegára o verão, o verão com o seu cortejo de alegrias! Nos campos, despidos no inverno, verdejantes de promessas na primavera, pullulavam já os fructos cubiçados pelos cultivadores. O sol doirava alegremente o sumptuoso manto da natureza, e parecia emprestar um raio da sua coroa a cada espiga de trigo. Os trabalhadores não descançavam um instante, e todo o dia se ouviam as suas cantigas folgazãs. Era chegado o tempo da monda; ranchos joviaes de ceifadores se dispersavam nas cearas, expondo francamente os rostos bronzeados ás caricias do ardentissimo sol. Depois o tempo da eira. Todas essas occupações eram suavisadas pela alegria camponeza.

Mas eis-nos chegados ao tempo da descamisada, e posso asseverar que este trabalho não é menos desejado pelos aldeãos do que a festa da azeitona. Se na *adiafa* o estomago folga, na *descamisada* folga o coração.

A descamisada é o *rendez-vous* dos namorados, *rendez-vous* a que a lua vem muita vez sem ser convidada, nem desejada por alguns, apesar da poesia que os seus raios dão á scena pittoresca. Mas se a lua escuta complacentemente as queixas dos namorados isolados, em compensação é bastantemente indiscreta, quando elles estão rodeiados de uma turba indifferente. As estrellas sim! essas sabem ser protectoras dos amores campestres! Não inundam a eira de luz, illuminam-a suavemente com o seu placido fulgor, e dão logar amplo á propicia penumbra. Então sim, então é que podem haver apertos de mão furtivos, e quem sabe se, ao debruçarem-se para apanhar as maçarocas, não se encontrarão amiudadas vezes dois rostos aldeãos vermelhos de prazer. Dize-me, lua, poetica mas indiscreta lua, póde acontecer isto quando tu reinas sem rival na azul immensidade?

Jorge desejava a approximação da descamisada, como a poderia desejar um aldeão enamorado. Os senhores da eira não desdenham ir ajudar os trabalhadores, e Sylvestre, Lucia, Alberto, e Jorge, preparavam-se com o maior enthusiasmo para roubarem ás maçarocas o seu involucro fragil. D. Francisca tambem se dignava descer a essa occupação, e costumava descascar o milho com tanta gravidade como se estivesse a rezar o seu rozario, ou a prégar a seu marido uma lição de civilidade. Todos os moradores da casa nutriam por conseguinte egual desejo.

Chegou, finalmente, o dia ou antes a noite cubiçada. Convido o leitor a acompanhar-me.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

CARRO Á VELA NA CHINA

A singular locomotiva, de que é cópia a nossa gravura, é um meio de transporte geralmente usado nas provincias do norte da China. É um systema engenhoso de que se servem as classes pobres para conduzir generos pesados, e tambem as suas proprias familias, com despeza muito modica.

Consiste a locomotiva em um carro com uma só roda, quatro varaes, e um mastro com vela. A roda está situada no centro do leito do carro, e gira em eixo de ferro, meia ao ar livre por baixo do carro, e meia dentro de uma caixa que se ergue sobre o leito do mesmo, de modo que lhe não embaraça os movimentos a carga, por muita que seja. Os varaes estão collocados dois na frente, e os outros dois na trazeira. Puxa aos primeiros um jumento; impelle os segundos um homem, que tambem por meio d'elles sustenta o equilibrio do carro. No meio d'este, junto á caixa da roda, eleva-se um alto mastro, ao qual se prende uma grande vela em fórma de pendão, que se enrola ou desfralda segundo a feição ou falta de vento. Se este é contrário, arreia-se a vela e o mastro.

Nas muitas descripções dos costumes da China, que appareceram nos diversos jornaes de França e de Inglaterra, durante a ultima guerra d'estas duas potencias com o celeste imperio, as quaes descripções eram commummente transcriptas nas correspondencias dos officiaes do exercito alliado, figurava algumas vezes o carro á vela como um dos costumes populares d'aquelle paiz mais curiosos e interessantes.

Dizem, pois, que é um espectaculo, além de muito pittoresco pela reunião e graciosa disposição de tantos objectos differentes na fórma e na côr, animadissimo pela variada expressão das figuras e diversidade de vozes que o acompanham.

Na dianteira do carro costuma ir uma capoeira com patos e gallinhas, e algumas vezes tambem gaiolas com aves de recreio e outros animaes, ou então caixotes com plantas. Logo atraz segue-se a mulher do carreiro, sentada, e com algum filhinho ao collo; e na parte posterior saccos de legumes ou cereaes, caixas e cestos com frutas e hortaliças, e ainda outros generos, indo um ou mais filhos pequenos sentados nos saccos. Pelos lados do carro, dependurados d'este, ou pendendo dos caixotes, vêem-se bilhas e outras vasilhas com leite, vinho e azeite; e, além d'isso, instrumentos agricolas. Outras vezes conduzem variados utensilios domesticos, peças de fazendas ordinariamente de lã ou algodão, fato feito, novo ou já usado.

Referem algumas das correspondencias, a que acima alludimos, que em alguns districtos tambem se servem d'estes carros para transporte de passageiros.

O filho mais velho cavalga e dirige o jumento; e o pae ajuda o carro a andar, empurrando-o com força se o vento escasseia ou é contrario, ou apenas equilibrando-o, sem lhe imprimir movimento, quando o vento é forte e favoravel.

N'esta jornada, em que se navega por terra, todos os viventes que vão no carro fallam, ralham, gritam e cantam ao mesmo tempo, e continuamente. É um concerto composto de vozes humanas, de aves e outros diversos animaes. E assim vae correndo de terra

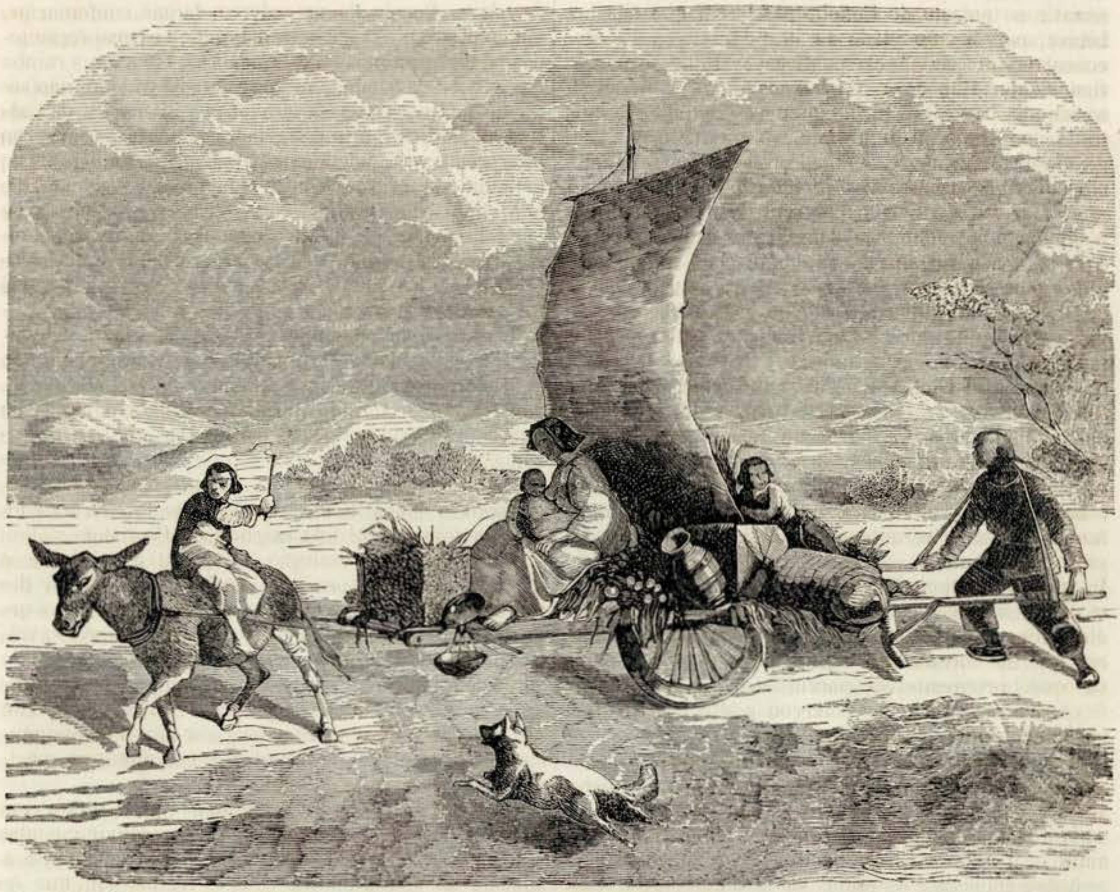
em terra esta especie de loja ambulante com a familia inteira do logista.

Entretanto, este uso dos carros com velas não tem sido privativo da China. Na Hollanda serviam-se outr'ora d'este systema mixto de locomoção, que durou até ao seculo passado. Não sabemos se os hollandezes receberam esta prática dos chins, nem quando ella principiou no seu paiz. No começo do seculo XVII já estava introduzido.

Porém estes carros hollandezes não se pareciam com os da China senão em terem velas; no mais eram inteiramente differentes. A sua construcção era muito solida e perfeitamente acabada. O leito do carro assentava sobre fortes eixos, collocados proximo das extremidades, e nos quaes giravam quatro rodas de pequeno diametro, de modo que o carro pouco se elevava da terra. O mastro e vela eram armados taes quaes se viam nas chalupas hollandezas. Estes carros, que só podiam ser empregados em paizes inteiramente planos e em estradas sem pedras, transportavam pesadissimas cargas.

Em varias obras hollandezas, publicadas nos seculos XVII e XVIII, encontram-se gravuras representando os carros á vela em viagem, servindo simultaneamente de transporte de mercadorias e generos, e de passageiros.

I. DE VILHENA BARBOSA.



Carro á vela na China

OS PLANOS DE CARLOS V SOBRE PORTUGAL

(Conclusão. Vid. pag. 62)

«N'este tempo ficou na estalagem o padre Bustamante, a quem, por ser de edade provecta, causára maior incommodo a jornada, por cuja causa se lhe fez preciso o receber, para reparo das forças, alguma breve poção; e entre algumas advertencias que disse ao estalajadeiro, ignorando a empreza a que vinha o santo Borja, foi uma que rogasse todos os dias pela vida del-rei D. Sebastião, porque d'ella dependia a conservação da coroa portugueza, pois, faltando elle, certamente a cingiria el-rei de Castella.

«Apenas ouviu estas palavras o estalajadeiro, arrebatado de um impulso de lealdade, que degenerou em furor, começou a concitar o povo, clamando, que aquelle padre era infiel ao seu rei. Concorreram logo muitos tumultuariamente armados de pedras para o sepultar vivo, outros proferiam injurias atrozes, e lhe faziam graves affrontas, não sendo poderosas a brandura, o respeito das cãs, e a efficacia da razão com que o padre Bustamante queria justificar a sua innocencia, para pacificar tão barbaro tumulto.

«A este tempo chegou o santo Borja, e sendo informado da origem d'aquella desordem, rompeu intrepidamente por entre a confusa multidão, e, com voz branda e rosto sereno, lhes disse, que não estranhava a colerica indignação de seus animos, pois fôra movida pela fidelidade de seus corações; mas deviam advertir a sinceridade com que aquelle sacerdote fallára, sendo ella a maior apologia da sua innocencia, e o motivo mais efficaz para se lhe perdoar uma culpa imaginada. A suavidade d'estas palavras de tal sorte domesticou aquelle agreste vulgo, que, confuso e attonito, deixou cair insensivelmente das mãos as pedras, e dos corações o furor.

«Depois reprehendeu severamente Borja a Bustamante, e o mandou voltasse para Castella, observando o santo este successo como infausto presagio da sua embaixada».

Prosegue o auctor das *Memorias*, narrando a jornada de S. Francisco de Borja de Evora Monte a Lisboa. N'essa narração nada ha que interesse o assumpto de que nos occupâmos. Os successos d'essa jornada só dizem respeito ao embaixador de Carlos V, o qual correu n'ella dois graves perigos, um de doença na cidade de Evora, e outro de naufragio no Tejo. Vejamos agora como o citado auctor descreve a sua chegada a Lisboa, a apresentação da embaixada á rainha regente D. Catharina, e o modo por que se houve esta princeza em tal occasião.

«Molestado da tempestade, e ainda mal convalescido da doença, entrou o santo em Lisboa, elegendo por morada a casa professa de S. Roque, aonde o mandou logo visitar a rainha, rogando-lhe que fosse assistir no palacio de Enxobregas [1], em que ella habitava, pois a amenidade do sitio e a pureza dos ares concorreriam para brevemente se restituir á sua antiga saude. Obedeceu Borja a esta real insinuação, assistindo tres dias n'aquelle aprazivel sitio, e, na tarde do ultimo, saíu a visitar o convento dos religiosos de S. Francisco, situado nas margens do Tejo, em cujas aguas se está retratando todo o edificio.

«Ao sair do convento, advertiu aos religiosos que n'aquella noite nenhum dormisse nas cellas que estavam para a parte do rio, se não queriam ser submergidos pela violencia das suas aguas. Duvidaram alguns da infallibilidade d'este successo, pois o ceo, por estar muito sereno, não indicava tão repentina mudança; outros, venerando o aviso como oraculo, se preveniram contra a furia da tormenta.

«Recolheu-se o santo ao palacio, e logo ordenou aos companheiros e criados que lhe assistiam por ordem da rainha, que sem demora alguma partissem com elle para a casa de S. Roque. Como se ignorava o motivo d'esta resolução, era julgada por indiscreta, fazendo-se mais estranha pela acceleração com que o santo a executava; e, ainda que o padre Dionysio Vasques lhe propunha o desgosto que a rainha teria com aquella ausencia tão intempestiva, nunca o póde dissuadir do seu intento, sendo maior a prophetica luz que lhe illustrava a alma, do que as densas trevas que brevemente occuparam os horisontes.

«Ao cerrar do dia, se começou a alterar o Tejo tão formidavel, que pretendia collocar o seu assento sobre os ares, e logo precipitava até ao abysmo. Desatou-se o vento com horrivel furia, a cujo embate, arrancadas as ancoras, e despedaçadas as amarras das mais alterosas naus, começaram espalhadas a chocar umas com outras tão violentamente, que, reduzidas a pedaços, encheram as praias de lastimosos destroços.

«O palacio de Enxobregas, que sempre fôra respeitado pela cólera d'este elemento, padeceu não pequena ruina em muitas das suas salas, alagando umas e derrubando outras. Com sacrilego furor accommetteu ao convento de S. Francisco, introduzindo grande cópia de agua pelas janellas, em que fluctuavam innumeraveis alfaias, e certamente seriam fatalmente submergidos muitos religiosos, se os não salvára do perigo a commiseração dos seus companheiros e visinhos. Esta horrorosa tempestade ficou celebre nas historias, pois d'ella se originou uma tal epidemia, que, tendo o seu principio n'este anno de 1557, se foi estendendo com tanta fecundidade por toda a Europa, Africa e Asia, que encheu de cadaveres a todo o mundo, eternisando o seu horror na posteridade com a antonomasia do *anno do catarrho*.

«Tanto que o santo Borja se sentiu com maior alento, foi buscar a rainha D. Catharina, em cujo real coração foi tão grande o jubilo de ver em seu palacio a um varão que venerava por santo, que lhe fez menos sensivel a memoria do esposo defuncto; e ainda que as lagrimas quizeram testimunhar a pena que tinha depositado no peito, lh'as impediu e serenou a eloquencia de Borja, o que já tinha feito com uma larga carta, exhortando a esta heroina a preferir com catholica resignação as disposições da Providencia aos affectos da natureza.

«Depois de exercitar os obsequios devidos a el-rei D. Sebastião e ao cardeal D. Henrique, se resolveu a communicar á rainha o negocio que lhe commettêra o imperador.

«Como era commissario geral de Hespanha, imaginaram todos que viera a Portugal para visitar os collegios da companhia, e sómente á rainha era patente a embaixada que seu irmão occultamente lhe encommendára. Depois de precederem largas conferencias, em que se ponderaram com grande circumspecção todas as circunstancias d'este negocio, resolveu a rainha que sería imprudencia publicar aquelle tratado, não sómente por ser pouco favoravel aos interesses de Castella, como porque se havia esta politica prevenção interpretar pela fidelidade portugueza como infausto vaticinio da breve duração da vida de seu neto, D. Sebastião, o qual, ainda que podesse ser violento despojo da morte, o que o ceo nunca permittisse, conservava esta monarchia para reparo de tão fatal calamidade ao cardeal D. Henrique, em cuja veneravel cabeça descançaria o peso d'esta coroa.

«Ultimamente concluiu a rainha, que era muito conveniente á conservação de ambas as monarchias o não se penetrar o mysterio d'esta negociação, porque levantaria maior tumulto no animo dos portuguezes, do que tinha havido no Tejo em a noite antecedente, e como tinha noticia do successo de Evora Monte, disse ao santo Borja com sincera galanteria: *Y nos apedrearan a mi y a vós, como quizieron hazer com vuestro compañero a la entrada de Portugal.*

«Tomada esta resolução, despediu a rainha e o santo Borja um expresso a Carlos V, pelo qual lhe representaram com a cifra premeditada as causas urgentes por onde áquella negociação era impraticavel. Recebeu o cesar com animo benevolo a insinuação de sua irmã, a quem, depois de lhe agradecer a judiciosa politica com que impedíra a execução d'aquelle negocio, de que se podiam originar fataes consequencias, lhe pediu que se sepultasse em eterno esquecimento».

Não será facil decidir o que mais avulta n'esta embaixada de Castella, mas poder-se-ha convir em que a hypocrisia de Carlos V corre n'ella parelhas com a audacia da sua proposta. N'esse tempo, em que se figura a sorte da monarchia portugueza pendente da vida do adolescente rei D. Sebastião, havia no reino tres fiadores da successão da coroa, além do cardeal infante D. Henrique.

Esta embaixada veiu a Lisboa em 1557, logo em seguida á morte del-rei D. João III. Existiam então n'este paiz a infanta D. Maria, irmã mais nova de D. João III, a qual contava 36 annos; D. Duarte, duque de Guimarães e condestavel do reino, com 26 annos de edade, e era filho do infante D. Duarte, duque de Guimarães, tambem irmão de D. João III, e da infanta D. Isabel, filha de D. Jayme, 4.º duque de Bragança; e D. Catharina, filha d'estes infantes, e mulher de D. João, 1.º do nome, e 6.º duque de Bragança.

A rainha regente fez abortar esta tentativa de seu ambicioso irmão, dando assim uma prova não sómente do seu esclarecido juizo, mas tambem de lealdade aos deveres do seu cargo, e de amor e dedicação á sua patria adoptiva. E não foi só n'esta occasião que se mostrou fiel e dedicada aos interesses de Portugal. Durante a sua regencia luctou corajosamente contra as intrigas do cardeal infante D. Henrique, que era um instrumento cego dos interesses de Castella,

[1] É o palacio de Xabregas, hoje do sr. Marquez de Niza. Póde ver-se uma noticia historica acerca d'este antigo paço real a pag. 182 do vol. IV.

manejado pelos jesuitas. Depois até á sua morte, não cessou de empregar esforços, embora baldados, para evitar a perda del-rei, seu neto, e a ruina da monarchia.

Carlos V não descoroçoou com o mallogro d'aquella negociação. O que fez foi mudar o rumo dos seus planos; porém, tanto elle como seu filho, Filippe II, redobraram os seus esforços e machinações, até que Portugal, desalentado e enfraquecido por grandes infortunios e extraordinarias perdas, e atraiçoado por muitos de seus proprios filhos, vendidos ao oiro dos seus inimigos, se viu, bem a seu pezar, unido a Castella.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MAGNETISMO TERRESTRE

Quando o *Observatorio do Infante D. Luiz* adquiriu a sua collecção de instrumentos auto-registadores, foi a Inglaterra, por ordem superior, o sr. João Carlos de Brito Capello, para assistir á comparação d'estes instrumentos com os padrões do observatorio de Kew, e para a determinação das constantes.

Tendo concluido os seus trabalhos, na Inglaterra, recolheu a Lisboa o sr. Capello, depois de haver combinado com o sr. Balfour Stwart, director do observatorio de Kew, um plano de observações simultaneas.

No principio do anno de 1863 chegaram os instrumentos a Lisboa, e em julho estavam collocados na casa que para elles fôra construida com todas as condições convenientes.

Obtido regularmente o registo photographico das observações, começaram os trabalhos de comparação, e dos primeiros resultados deram conta os srs. Stewart e Capello, em uma interessante memoria, que foi publicada em Londres por conta da *Real Sociedade Britannica*.

N'esta memoria, os dois intelligentes observadores, escolhendo certo numero de curvas que lhes pareceram mais dignas de attenção, compararam primeiramente as de Kew em diversos dias, depois as de Lisboa, e finalmente as simultaneas de Lisboa e Kew. D'estas operações foram deduzidas as consequencias seguintes:

1.ª Comparadas as curvas de Kew, relativas a diversos dias, acha-se que as elevações e depressões das curvas, que representam a componente horisontal da força magnetica do globo, conservam relação constante com as da força vertical, sendo esta relação a mesma que já se havia notado em anteriores comparações.

As pequenas elevações e depressões, na curva da declinação, não conservam relação invariavel com as dos outros dois elementos, apresentando, todavia, alterações diarias, grandes nas horas da manhã, e pequenas depois do meio dia.

Para todos os elementos são sempre no mesmo sentido as pequenas elevações e depressões.

2.ª Comparadas as curvas de Lisboa, nota-se que as elevações na curva da declinação correspondem sempre a depressões na curva da força, e *vice-versa*, existindo quasi sempre uma relação constante entre as ordenadas das duas curvas. Quando o polo norte da barra do declinometro se dirige para oeste, isto é, quando a declinação augmenta, o polo norte do magnetographo da força vertical eleva-se, a força vertical diminue.

A curva da força horisontal não manifesta notavel similhança com as outras duas.

As pequenas elevações e depressões são geralmente simultaneas nas tres curvas. A direcção d'estas elevações e depressões é a mesma nas curvas da força horisontal e da declinação, e opposta na curva da força vertical. A relação entre a grandeza das elevações e depressões, comparadas nas curvas da força horisontal e da declinação, é geralmente variavel, sendo constante sempre quando se compara a curva da força vertical com a curva da declinação.

3.ª Comparadas as curvas de Lisboa com as de Kew, nota-se que existe grande similhança entre as da força horisontal, occorrendo no mesmo momento, em tempo absoluto, os pontos correspondentes das curvas nos dois observatorios.

É menor, mas ainda assim notavel, a similhança entre as curvas que representam variações na declinação, e pequenissima a que parece existir entre as curvas da força vertical.

As ondas de perturbação, na força horisontal e na declinação, são maiores em Kew.

As pequenas elevações e depressões são produzidas simultaneamente, em Kew e em Lisboa, nas curvas dos tres elementos, mas sempre com dimensões menores nas curvas de Lisboa. A direcção é invertida no caso de força vertical. Sempre a um augmento da força vertical em Kew corresponde uma diminuição em Lisboa, e *vice-versa*.

As figuras 1 a 9 representam algumas das curvas comparadas, a que se refere a memoria dos srs. Stewart e Capello, sendo as fig. 7 a 9 destinadas a manifestar o antagonismo entre as elevações e depressões das curvas da força vertical e da declinação.

Foram cautelosos e prudentissimos os illustrados auctores da memoria, na exposição, ou antes na singela indicação da theoria a que os factos observados dão apparentemente algumas probabilidades. Das poucas palavras que disseram sobre este ponto, deduz-se que lhes parece possivel a influencia de duas forças perturbadoras, independentes, que simultaneamente actuam sobre a agulha em Lisboa, determinando uma d'ellas as perturbações da força vertical e da declinação, e a outra as perturbações da força horisontal.

Da relação entre as perturbações da força vertical e da declinação (1:1,6) concluem os auctores da memoria que a primeira força perturbadora actua no plano léste-oeste magnetico, inclinada para o lado de léste, em direcção que faz angulo de 29° a 36° com o horisonte.

Da falta de concordancia no tempo, e da variada direcção das ondas da curva da força horisontal, comparada com as dos outros dois elementos, concluem os dois observadores que a segunda força deve actuar geralmente na direcção do meridiano magnetico, sendo quasi sempre horisontal.

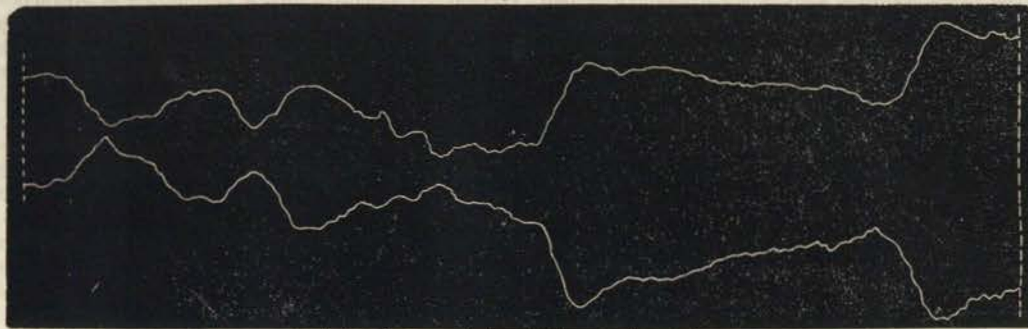
Os auctores da memoria, não apresentando ainda opiniões definitivas, mostram-se inclinados a crer, com o general Sabine, que existem, pelo menos, em cada local, duas forças perturbadoras, independentes e sobrepostas, as quaes simultaneamente actuam, dando origem ás perturbações que os instrumentos registam.

Quando muitas causas podem mais ou menos influir nos phenomenos, todas as precauções são uteis, e é muito para louvar a prudencia dos observadores cautelosos, que vão colhendo factos, para que sobre elles depois a theoria se estabeleça com a segurança possivel.

O estado de adiantamento, em que se acham os observatorios de Kew e de Lisboa, facilita os estudos d'esta natureza. Os srs. Stewart e Capello tencionam continuar as suas comparações. É quanto basta para que se deva esperar um trabalho consciencioso e util, como são todos quantos devemos ao digno e intelligente director do observatorio de Kew, e ao nosso illustre compatriota o sr. Capello, observador infatigavel e consciencioso, digno dos maiores louvores pelo seu trabalho constante, e pela sua modestia exemplar.

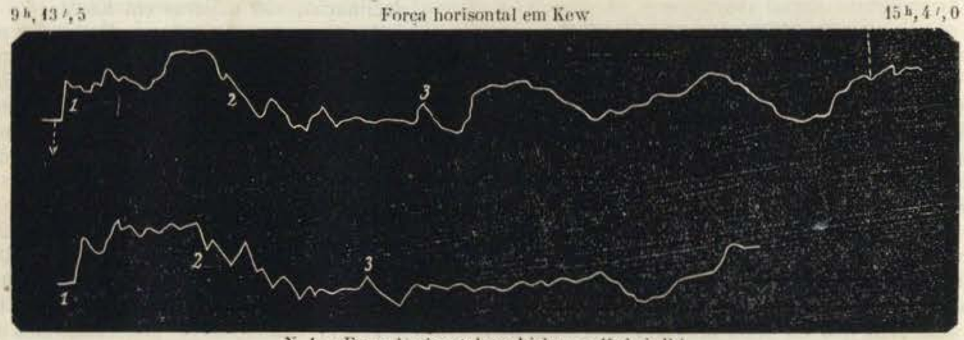
FRADESSO DA SILVEIRA.

7h, 26' Declinação em Lisboa 16h, 11'



N. 9 — Força vertical em Lisboa — 8 de outubro

9h, 13', 5 Força horisontal em Kew 15h, 4', 0



N. 1 — Força horisontal em Lisboa — 15 de julho

3h, 0' Força horisontal em Kew 6h, 57', 0



N. 6 — Força horisontal em Lisboa — 24 de julho

Força horisontal em Kew

0h, 13'



N. 4 — 19 de julho

Força horisontal em Lisboa

0h, 13'



N. 5 — 19 de julho

Força horisontal em Kew

8h, 1', 0

2h, 11', 0



N. 2 — 17 de julho

Força horisontal em Lisboa

8h, 1', 0

2h, 11', 0

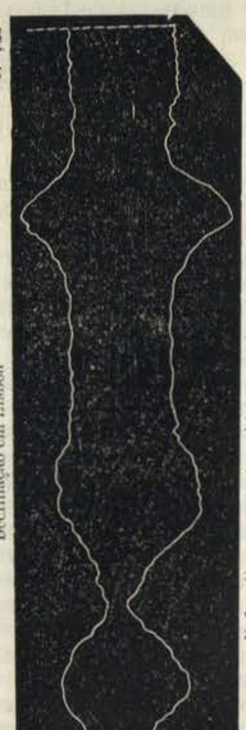


N. 3 — 17 de julho

Declinação em Lisboa

17h, 23'

9h, 50'



N. 7 — Força vertical em Lisboa — 24 de julho

Declinação em Lisboa

22h, 37'

15h, 11'



N. 8 — Força vertical em Lisboa — 9 de setembro